

O desejo e o desejo do Outro: o feminino em Capitu e Dona Flor

Rebeca Soares de Lima¹

Grace Ferreira Leal²

Em “*Deslocamentos do feminino*”, Kehl (2016) denomina a feminilidade como uma construção discursiva produzida a partir da posição masculina, a qual se espera que as mulheres possam corresponder ao que Lacan designa como sendo a do “Outro do discurso”. Ainda, a autora sugere que esta posição de ser o Outro do discurso, na contemporaneidade, parece difícil de ser sustentada pelas mulheres ao longo de uma vida. Dito de outro modo, os papéis ditados pelos homens às mulheres como: ficar limitada ao campo de ação e circulação do espaço privado; de ser dependente financeiramente de pais ou companheiros de vida; de ter que passar pelas vicissitudes da maternidade, bem como, de ser recatada, embora ainda agrade a algumas mulheres, parece não fazer mais parte das fantasias ou desejo de uma parcela representativa desse gênero. “Ao se lançar em iguais condições, em relação ao homem, na conquista de seu prazer sexual, a mulher também ficou sujeita a outra lei: a lei do desejo do outro. Ficou sujeita a competir com o homem num terreno que é tradicionalmente dele.” (KEHL, 1996, p. 50)

Para Kehl (1996), a mudança da posição feminina que pode desejar um lugar, antes tido como masculino, modifica não somente a si, mas também estremece o que é ser masculino ou o de estar nesse lugar ativo, fora do lar. É como se não fosse possível mudar um sem o outro. Desse modo, as mulheres, além de terem de apresentarem-se capazes de exercer funções externas a casa, tem de encarar resistência dos homens e da comunidade como um todo, já que esse padrão é sustentado pelo contexto cultural. Assim, dentre tantas possibilidades de acessar a cultura, escolhemos a linguagem escrita por meio dos romances, onde a palavra se faz necessária, além de ser fundamental como instrumento de análise para a Psicanálise, pois “tudo o que é inconsciente joga apenas com efeitos de linguagem. Trata-se de algo que se diz sem que o sujeito se represente nisso nem que nisso diga, nem saiba o que diz.” (LACAN, 2003, p. 167)

Em outras palavras, há algo que o artista/escritor expõe que lhe é consciente e outra que lhe é inconsciente. O propósito não é analisar o artista em si, mas o que sua obra revela do feminino, do gênero, do lugar da mulher e da estrutura parental basal, que pode revelar ideais arraigados inconscientes que alimentam a sociedade – já que foram romances publicados e com grande visibilidade jornalística – e se retroalimentam, pois são indivíduos que foram produzidos por esta mesma sociedade.

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

² Psicóloga, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Tradicionalmente, os especialistas da metade do século XX diziam que o papel das mulheres consistia em buscar a satisfação como esposas e mães. Também, que as mulheres não poderiam desejar melhor destino do que se regozijar com a própria feminilidade. Friedan (2020) questiona “Isso é tudo?”. As mulheres realmente femininas não almejam carreira, educação superior, direitos políticos ou qualquer independência ou oportunidade pelas quais as feministas lutaram? O que querem as mulheres? Saberíamos ao certo, de fato, qual seria o seu desejo?

O protagonismo feminino vem sendo discutido. Compreender os avanços ou retrocessos adquiridos por esse gênero demanda, essencialmente, leitura, pesquisa e discussão. Conforme Simone de Beauvoir citada por Maria Homem (2019) “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Contudo, como se daria essa transição do nascer para se tornar mulher? Que ambições ou desejos precisariam este gênero ter para alcançar a dita felicidade? A proposta aqui é refletir sobre o desejo, a feminilidade e o gênero feminino a partir da Psicanálise, utilizando a análise das personagens Capitolina, de Machado de Assis (1999) e Florípedes, de Jorge Amado (2020).

A feminilidade e a parentalidade

Em 1933, Freud traz em discussão um tema que ele próprio diz ocasionar dificuldade interior, o enigma da mulher, a feminilidade. Características de funcionamento da célula reprodutiva feminina, a anatomia do corpo, o comportamento social exercido pela mulher levou o autor a associar a palavra passiva à figura da mulher. Contudo, ele reflete que se faz necessária uma boa dose de atividade para alcançar uma meta passiva. Em outras palavras, não há dúvidas de que assim como o homem, a mulher também possui atitudes agressivas. Mas, ele adverte que não se pode subestimar a influência da organização social, que acaba por empurrar a mulher para situações passivas. Assim, “a supressão da agressividade, prescrita constitucionalmente e imposta socialmente à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas, que, tem êxito em ligar-se eroticamente a inclinações destrutivas voltadas para dentro” (FREUD, 2010, p.268).

Uma boa exemplificação do que Freud apresentou é a descrição de Dona Flor, em muitos trechos quando casada, contudo mais enfaticamente quando viúva, sobre seu desejo sexual. “O desejo a consumia numa fogueira de alta labaredas, ardiam brasas em seu ventre, mas Flor buscava conter-se e coibir-se” (AMADO, 2022, p.111). Esse processo de conter-se é uma constante na vida de Flor, que encontrou em Vadinho uma forma de dar vazão ao prazer sexual, mas com muitas condições. Condições essas que lhe causam mais desprazer do que prazer, entretanto, o preço era pago, pois Flor era roubada, apanhada e era traída. Como nas palavras

de Freud, “as inclinações destrutivas voltam-se para dentro”, assim, ao invés da agressividade ser externalizada, ela mesma a sofre ao suprimir a agressividade.

Ao investigar “o enigma da mulher”, umas das convicções que Freud adquiriu é a de que é inviável compreender a mulher se não levar em consideração a fase da ligação pré-edípica com a mãe. Isto é, quais relações a criança teve com esse objeto que acabou por forjar o princípio da sua subjetividade? Não se pode desconsiderar que nessa fase pode haver fantasias da criança em relação a seu objeto e que estas fantasias podem influenciar na constituição da subjetividade da criança, portanto, faz-se necessário estudar os resíduos desse mundo afetivo a posteriori. Também, muito da fase pré-edípica (ligação afetiva com a mãe) e do Complexo de Édipo (onde a mãe é substituída pelo pai em afeto), permanece na vida futura, sendo a fase de ligação pré-edípica a decisiva para o futuro da mulher, pois ela prepara a aquisição de atributos com que ela cumprirá seu papel na função sexual e desempenhará suas tarefas sociais.

Nesse conglomerado de fatores, Freud ainda expõe que a libido é uma só para o masculino e feminino, mas que o social interfere diretamente na forma como cada um a releva ou como se quer que cada gênero a exerça. Assim,

há apenas uma libido, que é posta a serviço tanto da função sexual masculina como da feminina. A ela mesma não podemos atribuir um sexo[...]. De todo modo, a expressão “libido feminina” carece de qualquer justificativa. [...] Quando ela é pressionada para o serviço da função feminina, e que – falando teleologicamente – a natureza considera menos cuidadosamente as solicitações desta do que no caso da masculinidade. E a razão para isso pode estar em que a realização da meta biológica foi confiada à agressividade do homem e tornada independente, em alguma medida, da aquiescência da mulher (FREUD, 2010, p. 289).

Essa forma que Freud reforça, quando expõe que exista um estudo para os fins de acordo com a função do corpo, feminino ou masculino - pela palavra teleologicamente - é possível de se conferir na narrativa quando Flor, ao pensar na possibilidade do sexo fora do casamento ou sem a autorização dessa cerimônia religiosa católica, externaliza revolta. Por outro lado, essa percepção não é sequer sugerida para nenhum outro homem citado em todo o livro, pois a ideia de que a agressividade e a liberdade é indiscutível ao masculino é quase certa. E quando uma mulher se coloca nessa posição de liberdade sexual por exemplo, chamam-na de prostituta. Desse modo, é como se a posição feminina fosse a de aceitar com aquiescência, consentindo com o que lhe for posto e assim Flor faz quando defende essa posição: “E o que você quer que eu faça? Que eu me desgrace e vire descarada? Não sou nenhuma sem-vergonha, não nasci para ter amante, essas coisas para mim só com meu marido... Só porque sonho com essas besteiras, tenho vontade de morrer[...]” (AMADO, 2022, p.299).

A marca da relação primária com a mãe pode influenciar as mulheres em seus futuros relacionamentos. Estas podem, por exemplo, escolher o marido conforme o modelo do pai, ou

o põem no lugar do pai e repetem com ele, no casamento, a má relação com a mãe. O marido deveria herdar a relação com o pai, contudo, acaba herdando aquela que vivenciou com a mãe. Um caso de regressão, de repetição, uma vez que a relação com a mãe foi original e que emerge sobre repressão no casamento (FREUD, 2010). Dessa maneira Flor repete a relação com a mãe quando escolhe um marido que a maltrata, que se sustenta financeiramente com seu trabalho de cozinheira, quando também quer escolher em quais festas a esposa pode ir, como a mãe também fazia nos encontros para encontrar um marido e, ainda, quando a agride fisicamente quando não obedece as ordens dadas. “Quando Flor transpôs a porta, dona Rozilda ergueu a taca, a primeira chicotada a atingiu no colo e no pescoço [...]. Apanhou sem chorar, reafirmando seu amor. “comigo viva tu não casa com ele”. (AMADO, 2022, p.124-125).

Além de traços notórios no enredo, a própria mãe de Flor expõe que tinha esse desejo de dominar a filha como dominava o marido. “Quando pensava ter na filha mais moça a repetição da natureza do finado Gil, curvada à sua vontade, lá saía ela a antipatizar com o doutorzinho às vésperas do diploma, filho de pai latifundiário no Pará” (AMADO, 2022, p.84). Semelhantemente como o pai, Flor não cumpria os ideais da mãe, constrangendo-a ao recusar um casamento de uma classe social muito mais elevada que a sua, onde os motivos por tal recusa pouco importavam para essa mãe. Um exemplo disso é a aparência do futuro marido: “Feio! Onde já se viu homem feio ou bonito? A beleza do homem, não está na cara, está é no caráter, na sua posição social. Onde já se viu homem rico ser feio?” (AMADO, 2022, p. 85)

Conforme Lacan (2016, p. 422), “o inconsciente sempre se apresenta a nós, essencialmente, como uma articulação indefinidamente repetida”. O sujeito então seria aquele que carrega a marca, os estigmas, de uma repetição que permanece para ele não só ambígua, mas inacessível. Essas repetições podem se dar por muitas gerações, uma vez que podem ser transmitidas transgeracionalmente; a saber os cuidados com a masturbação, a virgindade e o corpo feminino, que são comportamentos realimentados em nossa cultura.

Ressalta-se nesse item que a própria Flor se culpa por não casar virgem e por isso não se autoriza a vestir branco na cerimônia, bem como menospreza a si mesmo quando é uma mulher sem esposo (como se ela tivesse desfeito o matrimônio), quase como um objeto ou um pedaço de carne que se pode descartar. Assim, ela pode realmente acreditar nisso ou estar, de todo modo, reproduzindo o que a cultura entende por uma mulher que já foi casada, ou seja, que não é mais virgem (num ideal de virgem Maria), que possui um corpo que não é mais desejado ou respeitado. “Viúva é só bagaço, limitação e hipocrisia. Em que nação enterram a viúva na cova do marido? Em que país tocam fogo no seu corpo junto com o corpo do defunto?

[...] em lugar de consumir-se em fogo lento e proibido, de queimar-se por dentro em ânsia e desejo". (AMADO, 2022, p.295)

A masturbação pode ser visivelmente evitada ao vermos o sofrimento de Flor, que vai para além do luto e da falta do marido. É como se a sexualidade da mulher só pudesse ser autorizada pela companhia de um homem. Afora isso, é pecado e deve ser extinguido, de preferência com o corpo da mulher junto, que é o que se pode perceber na própria referência de Flor às culturas egípcias e hindus, quando a mulher ou é morta logo depois do marido, ou não pode mais vestir outra cor, senão branco, nem pode enfeitar-se, pois tudo isso antes era feito destinado somente ao marido.

Por mais que Flor não soubesse nomear com mais detalhes essas culturas, ela sabe que há algo semelhante e que prefere escolher se anular mais, do que lidar com o próprio corpo, com o próprio desejo, já que esconder-se está demandando uma grande quantidade de energia. Estés (2018, p.279) expõe que “tentar ser boa, disciplinada e submissa diante do perigo interno ou externo, ou a fim de esconder uma situação crítica psíquica no mundo objetivo, elimina a alma da mulher. É uma atitude que a isola do que sabe; que a isola da sua capacidade de agir.” E é assim que Flor começa a se apresentar, com dificuldades de tomar decisões, de escolher o que quer para a própria vida.

Na correspondência da teoria com os romances escolhidos, as infâncias das personagens Capitu e Florípedes não são descritas. Pouco ou nenhum dado se tem sobre a relação primária com a mãe ou com o pai. Contudo, fica aparente a relação que Flor tem com sua genitora, pois ela toma o lugar de seu pai e passa a contribuir financeiramente os custos da casa. Esse legado continua quando Flor decide casar com Vadinho contra a vontade da mãe que a quer casada com um homem rico. Ao contrariar a mãe, perde a dignidade consigo por casar sem ser virgem, assume as despesas da casa e descobre que seu marido pode ser extremamente violento quando não tem seus desejos atendidos, em especial, quando ela não financia o vício no jogo.

Teria Flor trocado a violência psicológica vivenciada na relação com a mãe pela violência física com o marido? Embora a história pregressa de Capitu não seja exposta no livro, podemos sugerir que a mesma seguia a norma acatada pelas mulheres da época, pois esta casa-se virgem, torna-se mãe, esposa e mulher socialmente respeitável até ter sua conduta de esposa questionada por uma suposta traição. Se traiu ou não, condenada foi. Até porque para a sociedade basta um boato para macular uma mulher, ao passo que ao homem, mesmo traindo, não será avaliado de maneira vil. A traição é somente feminina.

Sexualidade e desejo

Conforme Louro (2022), desde os anos de 1960, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vêm se tornando cada vez mais intensa e provocada, essencialmente, pelos movimentos feministas, de gays, lésbicas e, sustentada, pelos que se sentem ameaçados por estas manifestações. Ou seja, as transformações sociais construíram novas formas de relacionamento. Além disso, há novas tecnologias reprodutivas que acabam por subverter as formas de gerar, nascer, crescer, de amar ou de morrer. Dito de outro modo, pode-se programar uma gestação, congelar um embrião, intervir no corpo e completar o processo de transexualidade que empreenderam. Também, as relações podem ser estabelecidas por meio da internet. Nesse espaço virtual as relações amorosas desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, bem como, estabelecem jogos de identidade múltipla nos quais se pode ser um anônimo ou trocar de sexo. Dessa forma, concluem os autores que os arranjos familiares se multiplicam e se modificam. Assim, existe a compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas política e social, até porque a sexualidade é construída, ao longo da história de cada indivíduo.

Admite-se que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos diversos. Ainda, que nossos corpos são significados pela cultura e, por ela, então, continuamente, alterados. Assim, nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. Dessa forma, somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Isto é, através de muitos cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas e adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação (LOURO et al, 2020).

Neste conceito tanto Capitu quanto Flor seguem o ideal feminino, as duas desejavam casar, ter filhos. Esses itens não eram apresentados como dificultosos ou não bem quistos por elas. Por outro lado, Capitu corroborava bem a exposição de Homem (2019, p.36), onde se quer “por todo lado, dominar. Seja o nosso corpo, seja o do outro, seja a nossa vontade ou a vontade do outro. E claro, dominar o nosso falo”. Ainda que essa dominação não fosse explícita, obsessiva ou violenta, na medida que o corpo social lhe dava pequenas aberturas, ela o sabia aproveitar e isso Bentinho, a voz da narrativa, expõe. “Era também curiosa, gostava de saber de tudo. Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas” (ASSIS, 1999. p. 53).

A destreza de Capitu com tão pouco tempo e didática demonstrava que sua capacidade e seu gênero só revelava o que lhes era proibido, não sua habilidade. Restringindo assim, a mulher a mesma posição de nada saber. Para Kehl, (1996, p. 250), delimitar o espaço feminino, seja este físico, intelectual ou emocional está diretamente ligado a virilidade dos homens, pois esta

depende de uma certa passividade, de uma certa submissão por parte das mulheres – disto, os libertinos sabiam muito bem. A vítima submetida e amedrontada era uma das condições que mantinham sempre ereto o falo do libertino. Portanto, se as reivindicações das mulheres mudaram com a modernidade, as dos homens não inovaram nada no campo das diferenças sexuais: eles continuam demandando que as mulheres fiquem longe o suficiente para ser desejadas.

Destaca-se aqui o “longe o suficiente para serem desejadas”, pois assim como Bentinho distanciou-se de Capitu: “Capitu não saía sem falar-me. Era já um falar seco e breve; a maior parte das vezes, eu nem olhava pra ela. Ela sempre olhava, esperando” (ASSIS, 1999. p. 174); Flor também se encaixava nessas características quando Vadinho restringia os lugares em que ela podia ir: “Vadinho não admitiu jamais dona Flor nas suspeitas plagas do jogo, naquelas terras da roleta e dos dados, esposa era para o lar, que diabo viria fazer em tais ambientes?” (AMADO, 2022, p.213). Além de deixar evidente o menosprezo pelo gênero feminino, confinando-a ao ambiente domiciliar, Vadinho passava noites seguidas sem dar notícias – rotina já comum no namoro – repetindo-a na própria noite de núpcias: “dona Flor acordou, [...] duas horas da manhã. Vadinho não estava na cama, dona Flor pôs-se em pé, saiu a procurá-lo pela casa. [...] Na própria noite de núpcias, era demais. Dona Flor chorou suas primeiras lágrimas de casada [...]”. (AMADO, 2022, p.141).

A separação entre ambiente público e privado, do masculino e feminino está intimamente ligada com o desejo que esses maridos mantinham com essas mulheres. Essas duas narrativas condizem quase que perfeitamente com o exposto por Kehl (1996) da relação de desejo e dominação de homens e mulheres, mas acima de tudo como as posições deles fazem refletir diretamente com a relação amorosa que se confunde com a sexual. De tal como que um homem

nunca pode saber o que quer uma mulher, já que o que ele quer dela é que ela queira ser objeto do desejo dele – ao que a mulher, quando na posição feminina, responde afirmativamente[...]. O “melhor” homem (para si, não para o outro) é mesmo aquele que “não quer nem saber” – mas detém alguma arte no fazer. Fazer que ela lhe minta bem. Fazer que ela acredite que ele, ao não perguntar nada, sabe perfeitamente o que ela quer. A arte erótica do homem consiste em saber fazer. (KEHL, 1996, p.77)

O saber fazer Vadinho dominava, conhecia-lhe as fraquezas e as expunha ao sol, aquela ânsia controlada de tímida, aquele recato desejo fazendo-se violência e mesmo incontinência ao libertar-se na cama. Contudo, ela nunca tinha abandonado por completo a pudicícia e a vergonha, até porque precisava reconquistar cada vez mais tais características, não deveria ser desperta ou ser audaciosa amante e, então, voltava a ser tímida e pudorosa esposa. Esse jogo não foi percebido por ela mesma até a morte de Vadinho.

Flor não se percebia dependente do marido até a sua morte. Sua sexualidade estava vinculada ao do marido e amalgamada com aspectos católicos, de tal forma que ela passou meses sem saber o que fazer com seu corpo e desejo. Desse modo, para Kehl (1996, p. 93), “o risco da posição feminina pura, daquela que só existe enquanto objeto do desejo do outro, é o

de deixar de fazer sentido fora do campo do amor e do desejo”, que é o que se pode perceber em Flor, pois “de repente tornara-se o centro da vida não só de sua rua mas de todas as artérias adjacentes” (AMADO, 2022, p. 28).

Considerações finais: Édipo e o materno

Retomando a fantasia de que o lugar materno é a única modalidade de desejo da mulher, conforme Lacan citado por Rosa (2022), não basta haver uma criança para que se institua a mãe ou o pai, e não é óbvio que a criança seja tomada como falo. Isto é, que a criança teria o poder de completar a mulher e a fazer mãe, condição do primeiro tempo de estruturação da criança. Contudo, questiona-se qual o lugar do desejo da mulher no Édipo? Se voltarmos nosso olhar para os primórdios da nossa existência, poderemos vislumbrar que desde pequenos nos inclinamos a nos identificar com aquele sujeito que pode ser livre para desejar, fazer e gozar. Entretanto, o que nos é transmitido pela parentalidade por meio de falas, objetos, imagens, vestimentas e alimentação são valores e normas tradicionais que fomentam nosso imaginário e, ficamos com a ideia de que mulher-mãe deve ser, supostamente, aquela sacrossanta do imaginário do século XIX pois, “a ideia de que o corpo e alma são duas substâncias e de que a alma é superior ao corpo data de milênios, é pré-cristã”. (HOMEM, 2019, p.31).

Essa idealização da mulher e da mãe é moldada com muito empenho e sofrimento pela Flor, quando ela sustenta uma imagem imaculada de si, uma mulher quase assexuada, quando no seu interior, o sofrimento por estar só, por não ter com quem dividir a cama a corrói. Contudo, sempre há um ganho secundário, pois, o prazer em conseguir firmar essa aparência é externalizada pelos seus vizinhos, quando dizem que ela é “honesta por natureza, por ser de natureza fria. Fria como gelo, imune ao desejo. Há mulheres assim, belas estátuas, para elas o desejo não existe.” (AMADO, 2022, p.181)

Em outras palavras, a mulher deve manter-se passiva, feminina para ser aceita pela sociedade. Assim, não se pode ter má reputação e/ou ser mal falada. Também, a mulher deve abdicar de vontades, de prazeres, de ter um tempo para si. Assim, a sociedade controla efetivamente essa posição de mãe por meio da transmissão, o que é exposto por Flor: “desejo de viúva vai para a cova no caixão do finado, se enterra com ele. Só mulher muito safada, sem amor por seu marido, ainda pode pensar nessas sem-vergonhices” (AMADO, 2022, p.204),

Por outro lado, a função paterna, para a psicanálise Freudiana, é separar a mãe do filho. Ou seja, o terceiro que revelaria a existência de um “outro” desejado e instauraria assim, a alteridade (ROSA, 2020). Aqui Bentinho não parece fazer essa cisão mãe-bebê de Capitu com

Ezequiel. Ao menos segundo ele, “sempre que Ezequiel vinha para nós não fazia mais que separar-nos.” (ASSIS, 1999. p.168). O ciúme de Bentinho, a competição ele com seu filho crescia a cada vez que o próprio filho também se desenvolvia. Isso pode-se revelar pois Bento não se apresentava, desde o início, um rapaz ativo, ele se descreve como tendo que agir, mas não tendo condições para tal. Esse traço é revelado desde quando começou a gostar de Capitu, sendo “ocasião de pegá-la, puxá-la e beijá-la... ideia só! Ideia sem braços! Os meus ficaram caídos e mortos.” (ASSIS, 1999. p. 62)

O psicanalista Dunker (2022) acrescenta que este terceiro que faz a cisão da díade mãe-bebê, os “representantes da função paterna”, pode ser de qualquer gênero, portanto, pode ser exercida por aquela que biologicamente é chamada de mãe. Ainda elucida que não há diferença substancial se a função materna (dual) ou a paterna (triádica) for exercida por pessoas heterossexuais ou homossexuais, bem como, cisgênero ou transgênero.

Maria Rita Kehl (1996) ressalta ainda que esse tratamento social é também encarnado pelos homens, que os reproduzem em forma de associação ao feminino, concretizando assim a mulher-mãe sacrossanta, exposta por Maria Homem (2019).

Não se fazem mais homens como antigamente? Duvido. Tenho a impressão de que os homens continuam a querer o que sempre quiseram: encontrar numa mulher toda a disposição amorosa, quase sacrificial, passiva, que se convencionou chamar de feminilidade, aliada a uma capacidade de afirmar o próprio desejo e lutar por ele, a uma coragem que eu chamaria, sim, de viril. (KEHL, 1996, p. 185)

Dessa maneira Vadinho queria uma mulher, “para esposa e companheira, buscava exatamente mulher assim, direita e simples” (AMADO, 2022, p.157). Essa tentativa de desejar uma mulher passiva, que aceita o que lhe é dado sem nada questionar, deve-se ao medo de não poder satisfazer o desejo que esta mesma mulher pode possuir. Para tanto, Kehl (1996, p. 68) explana que há “o medo ancestral que o homem sente da mulher que é mãe, acrescenta-se agora o medo da mulher que deseja – a grande devoradora – e que pode também *não desejar*, desejar outro, ou desejar mais do que ele é capaz de dar.”

Além desses arranjos, conforme Rosa (2020), a sociedade transmite a tradição e faz a manutenção dos lugares sociais, as relações de poder e de patrimônio. Portanto, no contexto atual de reconfiguração familiar, cabe a parentalidade possibilitar a construção de uma nova trama entre os familiares, haja vista que o sujeito é afetado pelo discurso social e isso reflete na constituição de sua subjetividade.

Cada sujeito recebe o que veio dos seus ancestrais informações que nem os genitores sabem que possuem, nem que transmitiram, por isso se faz tão fundamental conhecer a si, aos próprios desejos e vontades, pois “quanto mais estranho a nós é o desejo que deu origem ao nosso desejo, mais ele tenderá a se repetir em nossa vida sob a forma de *destino*” (KEHL, 1996,

p. 207). Ou exposto de outra forma, “amamos sem saber que o nosso amado de hoje tem um traço em comum com o nosso amado de ontem, e que nossos parceiros sucessivos, a começar pelo pai e pela mãe, também tiveram esse traço comum” (NASIO, 2013, p. 33).

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**: história moral e de amor. São Paulo: Companhia de Bolso, 2022.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Série bom livro. 37ª ed. São Paulo: ed. Ática, 1999.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Economia libidinal da parentalidade. In: **Parentalidade**. TAPERMAN, Daniela (org.), 1 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autentica, 2022.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FREUD, Sigmund. A feminilidade. In: **O mal-estar na civilização**: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Tradução: Carla Bitelli. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.
- HOMEM, Maria. **Coisa de menina?** Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2019.
- KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença**: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago ed., 1996.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6**. O desejo e sua interpretação. Tradução Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4ª ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- NASIO, Juan-David. **Por que repetimos os mesmos erros**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ROSA, Mirian. Passa anel: famílias, transmissão e tradição. In: **Parentalidade**. TAPERMAN, Daniela (org.). Belo Horizonte: Autentica, 2022.